



POR UMA PEDAGOGIA DA LUTA: considerações a partir do Museu do Vale do Arinos.

Saulo Augusto de Moraes (PPGEdu/UNEMAT) saulo.augusto.moraes@unemat.br
Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira (PPGEdu/UNEMAT) waldineiaferreira@hotmail.com

GT 04: Educação e Povos Indígenas.

Resumo:

Este trabalho é resultado parcial de pesquisa de mestrado realizada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Consiste em relato de experiência substanciado na perspectiva de uma pedagogia da luta e na decolonialidade. Analisamos o Museu do Vale do Arinos, instituição da administração pública municipal de Juara-MT, enquanto resultado coletivo do curso de pedagogia da UNEMAT, campus do Vale do Arinos, e do Projeto de Pesquisa “Fronteira, Territorialidade e Cultura: O Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes” e também buscamos demonstrar sua potencialidade na perspectiva indigenista e para isso apresentamos um pouco da gênese que antecipa a criação do mesmo, evidenciamos acervos arqueológicos, com intuito de demonstrar a existência de patrimônios histórico-culturais outros que antecedem à *colonização* regional, a partir de trabalhos de registro e resgate realizados pelo Museu do Vale do Arinos com a participação do Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM) e da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus do Vale do Arinos.

Palavras-chave: Pedagogia – Povos Indígenas – Museu.

Introdução.

Na perspectiva de produzir um texto que retrate processos de uma pedagogia da luta, trazemos algumas considerações a partir da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no contexto regional do Vale do Arinos, microrregião Matogrossense de contexto sociopolítico da Amazônia Legal. O fazemos pela alusão aos movimentos pedagógicos progressistas que possuem na sua finalidade enfrentamentos ao campo hegemônico e reconhecimento do contexto cultural. Compreendemos que aqui se insere um movimento pedagógico de luta que se assenta no campo teórico-metodológico ou técnico-científico da pedagogia enquanto área do conhecimento. Um movimento que se destina a reconhecer a luta no sentido de práxis, no sentido libertário. Nesse contexto insere-se os anseios do Museu do Vale do Arinos que nasce em meio a diálogos e construções que se dão no interior das discussões do curso de pedagogia da UNEMAT, campus do Vale do Arinos.

Um constructo pensado a partir de reflexões acerca da História do Vale do Arinos, dos processos da constituição populacional no sentido da ocupação e reocupação. Reflexões que movimentaram o espaço da universidade, da política local, da sociedade, dos povos indígenas em pensar um espaço político e pedagógico que em diálogo com a universidade pudesse ser espaço de lutas, de direitos e garantias, de igualdade cultural e de acesso aos bens culturais (incluindo-se a ciência), de defesa e difusão patrimonial¹, de decolonialidades, de vida.

Maria da Gloria Gohn nos ensina que é possível produzir uma educação fora dos quadros institucionais de ensino e do currículo formal – como aquela que ocorre nos museus, sindicatos, associações e cooperativas de trabalhadores –, nos ensina que é possível transformar universos pessoais e coletivos, desmistificar narrativas coloniais e fomentar a interculturalidade e a decolonialidade, e em nossas análises essas educações podem ser efetivadas nos espaços dos museus uma vez que estes se admitam e queiram decoloniais.

Essa forma de pensar o Museu do Vale do Arinos se associa a grupos de professores do curso de Pedagogia da UNEMAT – em uma pedagogia da luta – que construíram espaços de discussões acerca de se fazer um espaço museal para salvaguardar elementos da cultura material e das memórias das populações do Vale do Arinos e confrontar a linearidade da narrativa histórica romantizada da *colonização* e

¹ Ver conceito de patrimônio em Chuva (2009, 2012, 2013), Arruda (2014) e Costa (2020).

tudo que isso supõe. Um espaço em que pudesse haver a presença das práxis e das bonitezas freireanas em que o equipamento social museal pudesse ser espaço de libertação, de aproximações, de construções coletivas colaborando com as transformações sociais e produzindo dialéticas no sentido de reflexões e da leitura Histórica efetivada no espaço do Vale do Arinos, principalmente nas relações com os povos indígenas.

A instituição museal e o processo que a germinou se tornam ainda mais significativos considerando as realidades contemporâneas impostas pelo governo do presidente da república Jair M. Bolsonaro e do governo Mauro Mendes no Mato Grosso que para atender ao capital tem efetivado projetos de desmontes das instituições democráticas e sucateamentos das instituições educacionais, científicas e culturais públicas e em especial tem atacado os povos indígenas naquilo que lhes são mais sagrado – a ancestralidade cultural e histórica e o território – com propostas como a do marco temporal, no âmbito nacional, e a chamada *PEC da Invasão*, projeto de lei 17/2020, no Mato Grosso. Há um movimento colonizante baseado na colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) que tem se fortalecido nos dias atuais.

Parafraseando o filósofo Nietzsche, o estado (burguês) está sempre interessado na formação de cidadãos obedientes. E não há *pedagogia da obediência* que resista a uma pedagogia da luta, a uma formação crítica, à uma tomada de consciência seja ela de classe ou identitária. A forma de atacar é sucatear as instituições educacionais, científicas e culturais e coibir a formação do pensamento crítico e complexo. Em relação aos povos originários o agravante está na retirada de direitos, mas principalmente do direito ao território.

Na direção de pensar e refletir sobre os problemas atuais, sobre a existência do Museu do Vale do Arinos, nos colocamos a pensar e a analisá-lo sob diferentes ângulos, o histórico e a sua gênese para poder construir análises mais profundas. Também a refletir sobre suas potencialidades enquanto instituição promotora de políticas culturais e políticas indigenistas regionais.

Nessa perspectiva buscamos compreender como uma pedagogia da luta construída no interior de uma universidade pública pode produzir resultados decoloniais e fazer enfrentamento à política totalizante, homogeneizadora e colonial do interior do estado de Mato Grosso.

Considerações sobre o Museu do Vale do Arinos.

Formalmente o Museu do Vale do Arinos é uma instituição da administração pública municipal de Juara-MT criada pela lei municipal nº 2.682 de 15 de janeiro de 2018 de gestão compartilhada com a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus do Vale do Arinos, e com o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos (ECUMAM), uma organização da sociedade civil reconhecida de utilidade pública pela lei municipal nº 2.831 de 28 de abril de 2020. Na sua estrutura organizacional o Conselho Curador é o órgão soberano de decisões. Este conselho é composto por dez (10) membros que são eleitos a cada quatro anos. Os membros do Conselho Curador são: 02 representantes da prefeitura municipal; 02 representantes da UNEMAT; 02 representantes do Instituto Ecumam; 01 representante do povo indígena Apiaká; 01 representante do povo indígena Kayabi; 01 representante do povo indígena Munduruku e 01 representante do povo indígena Rikbáktsa.

A gênese do Museu do Vale do Arinos se encontra na UNEMAT, campus do Vale do Arinos. Não nos referimos a sua gênese objetiva, técnica, científica, calculada. Falamos de uma gênese de sensibilidade, de afetividade para com as pautas sociais, de sentimento de pertencimento, de consciência de classe e identitária, de olhar crítico e sensível, de movimento, de lutas, de decolonialidades. Uma gênese construída ao longo da história do curso de pedagogia em cada dia de aula, em cada aula-campo, em cada movimento nas feiras culturais, nas feiras de ciência, nos festivais e luas, nos seminários e colóquios, nas atividades do projeto de pesquisa “Fronteira, Territorialidade e Cultura: o Vale do Arinos na Memória de seus Habitantes”, nas ações do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal (LEAL) do campus, nas mobilizações em defesa do patrimônio histórico-cultural e do patrimônio natural, nas itinerâncias pedagógicas.

Queremos dizer que o Museu do Vale do Arinos é uma instituição que surgiu da base envolvendo grupos de estudos, movimentos sociais, grupos multidisciplinares de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, discentes, indígenas e parcerias com instituições públicas e privadas, como a Archaeo – Empresa de Pesquisa Arqueológica. Uma construção amplamente democrática, descentralizada, horizontal. Assim, a gestão desse espaço museal somente poderia ser nesses moldes, o que resgata o sentido de instituição *pública*, diferente do sentido de instituição *estatal* (como é o caso da grande maioria das instituições em que se perde o sentido de *pública* para dar

lugar ao sentido de *estatal* – verticalizada, altamente burocratizada e, muitas vezes, pouco eficiente²).

Assim o Museu do Vale do Arinos está entrelaçado na teia de significados dos grupos que compõe a sua gênese incluindo-se os diferentes grupos indígenas. Neste último caso o sentimento de pertencimento é perceptível ao se observar diferentes grupos indígenas interagindo com a instituição museal no cotidiano. Esses grupos trazem popas de açaí e chicha de castanha-do-Brasil das aldeias e deixam na geladeira do museu para quem quiser beber. Trazem farinha para quem quiser comer. Trazem peixe. Ninguém pede que tragam, é um gesto de pertencimento, de amizade, de amor a quem frequenta a instituição. No espaço museal também expõem e comercializam artesanatos tradicionais.

Estes grupos possuem suas próprias chaves das portas de acesso às dependências do museu e são livres para acessarem quando desejarem. As vezes se banham no banheiro da instituição e, algumas vezes, um ou outro, pernoita na sala do administrativo (geralmente quando vem das aldeias e aguardam ônibus para viagens de mobilizações em Brasília ou de estudos na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND/UNEMAT). Eis o sentido, para nós, de *instituição pública*.

É isso que uma pedagogia da luta pode provocar. Derrubar barreiras ajustadas historicamente para dificultar ao Outro étnico o pertencimento ao que é público, derrubar muros entre grupos culturalmente diferentes, quebrar paradigmas excludentes, gerar vínculos afetivos, enfrentar com ações e posições decoloniais, antirracistas e contra hegemônicas a colonialidade, sua narrativa romantizada e tudo que isso supõe.

Evidentemente que o Museu do Vale do Arinos enquanto instituição pública formal e técnica tem os pressupostos jurídicos objetivos a seguir, tem equipe técnico-científica avaliando e planejando, tem uma organização institucional. Porém não podemos, nem devemos aceitar, que o institucional seja excludente, que o cientificismo técnico e/ou o tecnicismo científico (especialmente o jurídico, o educacional, o antropológico e o museológico) dê exclusividade ao discurso especializado em detrimento do direito dos povos produtores de patrimônio – do próprio patrimônio histórico e cultural musealizado, inclusive – nos seus modos de compreenderem e utilizarem a instituição museal, a instituição pública.

² Não utilizamos aqui o termo *eficiente* no sentido neoliberal. O compreendemos como a aplicação dos recursos públicos em áreas prioritárias de forma planejada e equânime. Um exemplo: retirar privilégios de políticos, como os diferentes tipos de auxílios que recebem, e aplicar esse montante na educação pública ou no SUS.

Por uma pedagogia da luta: relato de experiência.

Como já explicado anteriormente o curso de Pedagogia da UNEMAT, campus do Vale do Arinos, teve fundamental importância na construção do Museu do Vale do Arinos. Essa proposição não nasceu do vazio, ela é resposta de vivências empreendidas na própria instituição universitária. Falar de luta, porque a criação do museu foi uma luta, é trazer na memória movimentos outros que na sua complementaridade produziu ecos em vários sentidos e um deles em direção ao Museu do Vale do Arinos.

Queremos evidenciar alguns dos muitos movimentos que o curso de Pedagogia ou puxou ou participou. A memória nos guia para a produção da nossa identidade, para a relação histórica. Nesse sentido da memória trazendo a relação histórica mencionamos que o curso de Pedagogia tem ocupado a avenida principal da cidade para posicionar-se em defesa da educação pública, das e com as culturas indígenas, para combater o preconceito e a discriminação de classe, de raça, de origem, de credo e de gênero, para realizar campanhas contra a exploração sexual infanto-juvenil, para prevenir o câncer de mama, para alertar a sociedade sobre a violência doméstica entre tantas outras pautas. Uma pauta mais recente tem sido a sensibilização social sobre os impactos da instalação da usina hidrelétrica (UHE) “Castanheira” no rio Arinos, das Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGHs) “Batelão” e “Estrela de Fogo” no rio dos Peixes, do Complexo Hidrelétrico Juruena entre outras. Nesta ação de mobilização os estudantes se uniram a comunidades de pequenos e pequenas produtoras rurais que serão impactadas pela usina hidrelétrica Castanheira (Fig1).

Fig1 mobilização em defesa do rio Arinos, dos pequenos e pequenas produtoras rurais.



Fonte: UNEMAT (2019).

Outra atividade que contribuiu com reflexões e a necessidade da existência do Museu do Vale do Arinos foram a partir de diversas aulas-campo com discussões junto aos povos indígenas. A aula-campo (Fig2), ou atividade pedagógica desenvolvida em aldeias indígenas, sensibilizam o público discente para o outro étnico, para o outro diferente, para a outra cultura coexistindo. Ao sensibilizar os tornam capazes de perceberem tudo isso no cotidiano da sociedade em que vivem e interagem. Assim podem refletir criticamente sobre narrativas coloniais, sobre preconceito, sobre racismo ambiental em torno dos povos indígenas.

Fig. 2 Aula-campo na aldeia Nova Munduruku, Terra Indígena Apiaká-Kayabi, município de Juara-MT.



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Acreditamos que a universidade pública em luta é uma obrigação moral, intelectual e política! Acreditamos que uma pedagogia da luta deve ser inerente ao que existe de mais profundo na natureza do educar. As atividades pedagógicas em comunidades de pequenos e pequenas produtoras rurais, em aldeias indígenas, em comunidades ribeirinhas e assentamentos de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra são a parte fundamental fora dos muros da universidade e da zona de conforto da sala de aula para o processo humanizador e político, para uma tomada de consciência acerca das diferenças (e das desigualdades) culturais, acerca dos grupos em situações de vulnerabilidades, acerca do mal causado pela agenda neoliberal. A forma afetiva da luta se constrói nas práxis. O curso de Pedagogia da UNEMAT, campus do Vale do Arinos, há muito que enfrenta a agenda neoliberal, há muito que possibilita a aprendizagem

social formando educadores e educadoras sociais para atuar crítica, social e sensivelmente no chão da escola e também fora dela.

Essas experiências são importantes de serem mencionadas considerando-as fenômenos sociais, construções intersubjetivas de saberes, dialéticas que substanciam o pensamento decolonial que podem provocar criações de relevante impacto social e político como, neste caso, a constituição do Museu do Vale do Arinos.

As peças arqueológicas: uma arqueologia humana.

Atualmente o maior acervo do Museu do Vale do Arinos é o arqueológico. Importante dizer que a reunião das peças arqueológicas é resultado de um movimento junto aos povos indígenas, diálogos empreendidos e principalmente com ações e projetos de educação patrimonial. Como resultado dessas ações houve a geração de um acúmulo de materiais arqueológicos que foram doados e outros encontrados, em superfície, em áreas de fazendas, sítios e terras indígenas.

Partindo do pressuposto que qualquer acervo arqueológico pode e deve ser alvo de processo museológico (MORAES WICHERS, 2010), foram realizadas diversas ações itinerantes de educação patrimonial com materiais arqueológicos (antes de existir objetivamente o museu) como forma de provocar o ato pedagógico a partir de fontes da cultura material, afinal “a busca da manutenção da memória se dá através de variados esforços no sentido de preservar a cultura material, plural, herdada de nosso passado” (FRONER, 1995, p. 292) já que “o papel do Estado como agente gerenciador do patrimônio cultural tem se mostrado bastante insatisfatório” (idem).

As identificações e registros de sítios arqueológicos sugerem, *prima facie*, que a região abriga uma diversificada tipologia de jazidas. Os poucos sítios arqueológicos identificados e registrados até aqui são do tipo cerâmica, lítico, gravura e pintura rupestres. Os artefatos arqueológicos do acervo ainda não foram estudados, permanecem preservados em vitrines de acondicionamento adequado protegidos da ação humana, das intempéries e à mostra para o público como estratégia pedagógica de educação patrimonial e educação museal.

Cabe esclarecermos o conceito de preservação que está a direcionar nosso olhar. Mário Chagas (1998) coloca, a respeito do sentido de preservar: Praeservare, do latim, quer dizer ver antecipadamente o perigo. “O perigo maior que paira sobre um bem cultural é a sua própria morte ou deterioração”. Assim, o sentido da preservação está na dinamização [ou uso social] do bem cultural preservado. Para Guarnieri (1990a, p.10) ‘...a

preservação proporciona a construção de uma memória que permite o reconhecimento de características próprias, ou seja, a identificação. E a identidade é algo extremamente ligado à auto-definição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica'. Desse modo, os processos de seleção e construção do patrimônio arqueológico devem ser pautados por um viés preservacionista, que considere o uso social desse patrimônio de forma democrática e plural (MORAES WICHERS, 2010, p. 30),

Os estudos necessários desses artefatos ainda não foram possíveis pela ausência de recursos financeiros.

Fig. 01, 02 e 03: Líticos polidos. Fig. 04 e 05: cerâmica. Fig. 06: pintura rupestre. Fig. 07: cerâmica.



Fonte: Museu do Vale do Arinos/Câmara Setorial de Arqueologia.

O patrimônio arqueológico se configura herança de caráter histórico e diz respeito à própria identidade humana em toda sua diversidade. Trata-se da (re) constituição de histórias e exige, por tanto, espaço de preservação, estudos e divulgação. Nesse contexto, os espaços de preservação do patrimônio arqueológico são insipientes e preocupantemente poucos. Por isso é necessário que se amplie cada vez mais as possibilidades educativas em torno do patrimônio.

Apesar de termos evidenciados essas peças e de fazermos considerações acerca das mesmas, é preciso mencionar que o movimento humano empreendido nesta compreensão se insere em fazer com que haja uma reafirmação que esse território pertence aos povos indígenas da região e que portanto a inserção de estudos dessa natureza devem chegar até as instituições de educação dentro de uma perspectiva decolonial, com uma história outra, onde os povos originários tem direito sobre seus territórios, pois estão nos mesmos a milhares de anos, como se pode saber por meio de sítios e artefatos arqueológicos.

Considerações finais.

Nesse texto chamamos a atenção para a construção de um movimento que parte do curso de Pedagogia da UNEMAT, campus do Vale do Arinos, para a construção do Museu do Vale do Arinos.

Apresentamos, parcialmente, as atividades institucionais do Museu do Vale do Arinos, pois não é possível descrever aqui todas as suas ações e projetos. Nosso interesse nesse ponto é (re) afirmar a relevância da mobilização social, dos movimentos de base, de ações e projetos horizontais, descentralizados e populares a partir da universidade pública. O Museu do Vale do Arinos é resultado direto de um processo de mobilização popular e acadêmico, um projeto aglutinador, intercultural, decolonial que vem apresentando excelentes resultados mesmo sendo sistematicamente negligenciado pela atual gestão municipal.

O Museu do Vale do Arinos, enquanto resultado político, se torna espaço público (e institucional) provocador de políticas de acervos, de políticas patrimoniais e de políticas indigenistas no contexto regional do Vale do Arinos. A mobilização social criou uma instituição política provocadora de políticas formais, o que é uma revolução se considerarmos o obscurantismo iniciado com o golpe de 2016 que culminou com o impeachment da presidenta democraticamente eleita Dilma Rousseff.

Nesse contexto regional das disputas de memórias o Museu do Vale do Arinos passa a promover a política de *gerenciamento* (na falta de outro termo) da memória social do Vale do Arinos no sentido de reconhecimento das memórias e histórias que não apenas a do agente colonizador e do *pioneirismo*.

A pedagogia da luta possibilitou o Museu do Vale do Arinos se constituir como instituição pública, como espaço político indigenista, apesar das duras lutas enfrentadas e em curso. Assim nos compreendemos enquanto museu como um espaço que se quer ser decolonial em um contexto político contemporâneo que se quer ser *colonizante*. Mas seguimos especialmente esperançosos quando lemos em Munduruku (2019, p. 09) que:

O Museu do Vale do Arinos é para nós indígenas uma extensão das nossas aldeias, um lugar de nossa cultura na cultura não indígena, o que o faz também um espaço de integração onde nós podemos conhecer e conviver com o outro sem deixar de sermos nós.

Referências

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

FALCÃO, Jairo Luiz Fleck. **Fronteira, Territorialidade e Cultura: História de Juara-MT na memória de seus habitantes**. PRPPG/UNEMAT: Projeto de Pesquisa institucionalizado em 2015. In: <http://gpo.unemat.br/Impressao/PDF/visualizar-pp-pdf.php?fxc=PP2H1Db&fxpp=RvtUY&fxfn=14352935835606726445-92938736053&fxfe=pdf>, acesso em 20/01/2019.

FRONER, Yacy-Ara. **Conservação preventiva e patrimônio arqueológico e etnográfico: Ética, Conceitos e Critérios**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 291-301, 1995. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/3b53/41f7ff80acbf5de9e044ae9d8e4945e9e7f8.pdf> acesso em 13/09/2021.

MATO GROSSO, Juara. Câmara de Vereadores de Juara. Museu do Vale do Arinos. Disponível em <https://cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=4318&cdDiploma=201826822&NroLei=2.682&Word=&Word2=> acesso em 27/09/2021.

MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. **Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (Des) caminhos da prática brasileira**. Tese apresentada ao programa de doutoramento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Museologia. Lisboa, 2010.

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. **O Museu do Vale do Arinos para os povos indígenas do Vale do Arinos: uma análise a partir da perspectiva indígena Munduruku**. Anais Vol. 14 (2019): Seminário de Educação do Vale do Arinos, Juara/MT, Brasil, 04-06 Setembro 2019, Coordenação do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En: Buenos Aires Lugar CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor 2005. Disponível: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/>